

EDITOR

Antero Correia dos Santos

PROPRIETARIO e DIRETOR

Antonio Ballarar

ADMINISTRADOR

Luiz Fonseca

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA

Respigando...

UMA NOSSA VITÓRIA

Recapitulemos os factos, em abreviada síntese:

No nosso primeiro numero dissemos ter sido encerrado, por ordem do snr. governador civil, o Collegio da Ponte, dirigido por religiosas congreganistas. Assim era, de fato.

No numero 7 diziamos constar que esse collegio ia reabrir, no mesmo edificio e com três das mesmas irmãs, agora secularizadas, por diretoras. Pretestamos contra isso. Apareceu então um jornal local, o «Regenerador-Liberal», mandado não sabemos por quem, pois era de *anonimos* essa gaseta, a declarar, em termos que quase nos ofenderiam se partissem de *alguem*, que o collegio havia de funcionar, quer nós quizessemos quer não. Se nos não atraigão a memoria, isto vinha até em normando.

A seguir a isto, fomos procurado por um dedicado amigo, republicano historico dos mais inteligentes e considerados de Barcelos, que nos disse ter sido informado, e por quem podia fasê-lo, de que o collegio funcionava ao abrigo da lei, desde que se haviam secularizado as religiosas, que tinha professora legalmente habilitada e a necessaria sanção da sub-inspção escolar e desde que das ex-religiosas só três lá viviam.

Escrevemos então no numero immediato, o oitavo:

...para nós é ponto assente que o novo collegio só pôde estar dentro da lei se essa lei fôr mascarada e deturpado o seu espirito.

Não se concebe que o governo da republica se limitasse a querer proibir nas casas de ensino o uso de trajes religiosos e a vida em comunidade, de mais de três pessoas.

O que ele, sem duvida, quis e quer — é evitar que a educação das crianças seja confiada a inteligencias atreladas e obsecadas por superstições religiosas, e que, acima de tudo, se preocupam com o ensino do catecismo.

Nós sabemos o que o desassombro desta opinião nos custou: tudo, de ouros para cima. Moveu-se contra nós uma desleal campanha de intrigas e calúnias, que, se nos não prejudicou moralmente, nem por isso deixou de afetar os interesses do jornal.

Acusaram-nos de injustos, fâciosos, etc.

Não próprio o ouvimos algumas véses. O digno administrador tam insensato julgava o nosso sincero protesto, que não lhe deu a mais insignificante consideração.

Nem sequer a de nos mandar dizer por intermedio do organo do partido, ou, se por serem republicanos ante-5-de-outubro os redatores do «Radical» lhe não mereciam tamanha atençaõ, por um official — que estavamos em erro, na sua opinião de magistrado, a quem tinha sido confiado o cumprimento de tal lei.

Nada.

Chegamos pouco menos que a receiar estarmos sendo vítimas de uma desorientação do nosso espirito. Mas uma coisa nos consolava: a certesa da justiça que haveria de fasêr-se-nos — se pudessem conhecer a sinceridade com que pelevamos.

Resolvemos, então, recorrer ao juizo de «um eminente jurisconsulto, ao mesmo tempo prestigiosa figura da republica», como dissemos no n.º 8.

Fisemo-lo a 26 de dezembro; uma semana depois, a 2 do corrente, trasia-nos o correio uma curta carta com os seguintes breves linhas: ... no *Diario do Governo de hoje encontrará V. a mais cabal respsta á sua consulta.*

A falta da folha official, foi nos diarios de Lisboa que nesse dia avidamente procuramos o almejado decreto.

Lá o encontramos e, depois de lidos trinta e nove artigos com todos os seus paragrafos e alineas, deparou-se-nos o seguinte:

Art. 40.º Os membros das associações religiosas a que se refere o art. 6.º e seus paragrafos do decreto de 8 de outubro de 1910 e que foram autorizados a viver em Portugal em vida secular, não poderão exercer o ensino ou intervir na educação, quer como professores,

ou empregados, quer como diretores ou administradores de quaesquer institutos ou estabelecimentos de ensino, seja dirétamente, seja por interposta pessoa.

Segundo o artigo seguinte, o 41.º, os religiosos que se secularizarem só poderão ser empregados em estabelecimentos de saude, higiene, piedade e beneficencia, ou noutros de natureza analoga, em numero não excedente a tres, e mediante autorisação do governo, especial para cada estabelecimento. E' pois nosso o triunfo.

Não diremos que ele seja para nós motivo de gloria, porque glorias não buscamos nesta missão ingrata de jornalista.

Mas sê-lo-á de jubilo — por podermos já acalantar a esperança de agora, pelo menos, ser feita justiça ás nossas intenções.

Cumpre-nos apenas esperar a observancia inteira da nova lei do governo provisório, o que não se fará já muito a tempo. A não ser que se pretenda ainda mistificar este decreto — quem sabe?

Talvês o art. 39.º dê margem a isso, se propositalmente lhe fôr dada uma má interpretação.

Mas mau seria esse caminho.

UM BOM FUNCIONARIO DA REPUBLICA

Diz-nos amigo muito presado e que nos merece todo o credito que um pastor de almas de uma das freguesias do Vale de Tamel dá, na sua egreja, ao rebanho que pastoreia, o edificante conselho de não deixarem as crianças ir ás escolas, pois que, depois de ter sido banido delas o ensino de catecismo elas nada tem que lá ir fasêr.

Não comentamos.
Com vista a quem compete.

UMA BANDEIRA

E' bom saber-se que na Associação Humanitaria de Socorros Mutuos Barcelinense (*Real* em tempos que já lá vam) continua a, nas ocasiões precizas, hastear-se a bandeira nacional que a monarchia adótava: azul e branca, com as armas reais, sem lhe faltar sequer a corça. Ainda a lá vimos assim tremular ha bem poucos dias.

Isto não quer dizer que reclamemos providencias para o caso.

Muito longe d'isso...

Julgamos tam inofensivo o tal farrapo que, nem mesmo por nos recordar um periodo de oprobrio e de vergonha para Portugal, conseguir alterar nos a habitual regularidade do nosso sistema nervoso, só comparavel, em questão de irritabilidade, ao de qualquer amarelinha apaixonada do ex-rei de radiosa mocidade.

Limitamo-nos a registar o fato, *para os devidos efectos*, como os officios dos regedores...

A SEMANA POLITICA

O que o governo provisório fêz;

Publicou um decreto sobre o destino dos bens religiosos, em que tambem esclarece algumas disposições da lei de 8 de outubro.

— Aboliu o imposto de consumo que, em Lisboa, incidia sobre alguns generos.

— Resolveu a questão da situação financeira da snr.ª D. Maria Pia.

— Adótou algumas medidas tendentes a melhorar a pessima situação do povo do Douro.

— Determinou que aqueles que pelo actual regulamento da contribuição industrial sam responsaveis pelas coléttas dos seus empregados possam recorrer da inscrição, lançamento ou repartição dessas coléttas, nos casos previstos e pela forma indicadas no mesmo decreto.

— Providenciou para que não possam ser iludidas com falsas declarações, pelos comandantes de navios, as autoridades sanitarias das colonias.

— Criou um fundo especial para a defesa naval.

Acontecimentos diversos:

Começou a publicar-se a «Republica», diario lisbonense de que é proprietario o sr. dr. Antonio José de Almeida.

— Foram reelitos o presidente e vice presidente da Camara Municipal de Lisboa.

— Partiu para o Funchal, onde vai re-

forçar a guarnição militar para assegurar a ordem publica, por motivo da cólera, o batalhão de caçadores 6.

— O povo do Porto fêz a Guerra Junqueiro uma grandiosa manifestação de simpatia, por motivo da sua retirada para a Suissa, onde representará a republica portuguesa.

— O tribunal da relação de Lisboa desprorounciou o feroz ditador franquista sr. dr. Teixeira de Abreu e negou provimento ao agravo do sr. dr. Malheiro Reimão.

Cinco banalidades

Uma mentira

Um barcelense que frequenta uma cadeira de medecina na universidade foi, pouco antes do estabelecimento dos cursos livres, chamado pelo lente.

O lente pega num fémur e apresenta-o ao aluno, perguntando:

— Sabe diser-me que osso é este?

O nosso patricio dá mil voltas ao osso nas mãos, até que por fim responde:

— Isto, snr., salvo erro ou opinião em contrario, é um osso de um defunto.

Duas verdades

Disse Tolstoi que emquanto existir o Estado e a violencia que o mantem não importa sob que forma, não poderá haver liberdade, verdadeira liberdade, tal como os homens a comprehendem e sempre compreenderam.

DUAS FESTAS SIMPÁTICAS

A comemoração dos anniversarios da Associação dos Bombeiros e Liga da Instrução

Registemos a gratissima impressão que em nós deixaram as simpaticas festas com que, nos dias 6 e 8 do corrente, respectivamente a Associação dos Bombeiros Voluntarios e a Liga da Instrução e Educação comemoraram os seus anniversarios, e, sem considerações que o pouco espaço de que dispomos nos não permite, passemos a fasêr um sucinto relato do que elas foram.

No DIA 6

O bôdo aos pobres

Depois de ás 10 e meia horas da manhã se ter realizado uma cerimonia de homenagem á memoria dos socios falecidos, procedeu-se na Associação dos Bombeiros Voluntarios á distribuição de um bôdo aos pobres.

E' para nós o mais simpatico de todos os numeros do programa das festas.

Nem todos os anos tem podido a briosa corporação, por deficiencia dos seus fundos, cumpri-lo; e agora deixaria de o fazer, se não fosse a generosa resolução do illustre governador civil de o autorizar por conta do fundo de beneficencia do distrito, a pedido do digno administrador do concelho.

Foram muitos os indigentes contemplados e a cada um d'elles coube uma ração de bacalhau, arroz, batata e pão, que reberiam das mãos das gentis meninas D. Helena Peixoto, D. Tereza Alpoim, D. Ludovina Matos de Almeida e D. Maria da Graça Lamela.

A uma hora da tarde, efétuou-se a

Sessão soléne

que foi presidida pelo illustre presidente da vereação municipal sr. dr. João Cardoso de Albuquerque, secretario pelos snrs. tenente Barbeitos Pinto, digno administrador do concelho e major Belésa da Costa, considerado comandante do batalhão.

Aberta a sessão pelo snr. presidente, foi concedida a palavra ao nosso presado amigo e muito inteligente aluno da Universidade

Domingos Luciano Figueiredo

que é recebido com uma prolongada e calorosa salva de palmas. Começou por agradecer o honroso convite da digna direção dos Bombeiros Voluntarios de Barcelos, dizendo que não podia deixar de tomar parte numa festa tam simpatica, como era aquela a que com todo o jubilo se associava, afirmando tambem, que auxiliar instituições tão benemeritas e prestimosas como aquela, era um dever que a todos se impunha.

Referindo-se á fundação de tão prestante Associação, teve palavras do mais sincero entu-

*
Aí vai um caso realmente curioso! Que uma condessa desgostosa da vida e saciada dos seus prazeres ou desiludida das suas magnificencias a abandonasse para vestir o habito de freira, vá! Mas que abandone o mundo para se fazer... frade, eis o que torna o caso verdadeiramente sensacional.

Em um dos ultimos dias foi preso em S. Petersburgo o irmão Arsenio que, ha 18 anos, se recolheu no mosteiro ortodoxo de Solowestsk, onde se distinguia pelo seu exemplar comportamento. Esse irmão era simplesmente... uma irmã! Para que adótou ella esse disfarce?...

A condessa Kluzinska — é este o nome do irmão Arsenio — foi, ha anos, a heroína dum grande drama de amor.

O marido e o amante bateram-se um dia em duelo, ficando o marido morto. Atormentado pelo remorso, o amante, em seguida a uma grande luta moral que o afastou da sociedade onde vivia, resolveu abandonar definitivamente o mundo e recolher-se á paz dum claustro. Pouco depois entrava para o mosteiro de Solowestak. A condessa, que o amava loucamente, empregou todos os esforços para o dissuadir do seu projecto. Nada conseguindo, tão habilmente dispoz as coisas que, pouco depois, entrava para o mesmo convento sob o nome de irmão Arsenio.

O jornal onde encontramos esta noticia não diz como é que se descobriu esta embrulhada. Mas presume-se.

A musa do povo

Quando eu era solteirinha
Trasia fitas e laços;
Agora que sou casada,
Trago os meus filhos nos braços.

*
Eu sou a mais triste filha
Que nasceu ao pé da vinha;
Nada se fás neste mundo
Que a culpa não seja minha.

que, dirigindo-se á briosa corporação dos bombeiros, diz-lhe ser aquela a segunda vez que tem a subida honra de tomar parte na sua festa anual, e fa-lo com tanto maior prazer quanto é certo ser ele um seu dedicado amigo e admirador.

Sempre se interessou por tudo onde transparece a grandeza moral do homem. Sempre se curvou com agrado deante dos benemeritos da sociedade, dos artistas eminentes do bem publico.

E', pois com a melhor das boas vontades que vai áquella sessão soléne, onde acabam de

dr. Reis Maia

ser coroados os esforços e as arrojadas dedicações dos bombeiros.

Lamenta que as suas palavras não possam ser tão floridas e timbradas como as desejava o Ex.^{mo} Sr. Presidente, mas ao menos pode garantir que serão francas e sinceras.

Em seguida, pronunciou o belo discurso que segue:

Minhas Senhoras,
Meus Senhores:

Um dia, ao cair da tarde, caminhava eu sozinho por um despovoado.

Atravessava um destes sitios lugubres e triste onde parece não haver restos de vida humana, cercado por todos os lados de pinheiros silenciosos que me faziam vir á mente historias lendarias de salteadores.

Era no verão. O sol, já moribundo, estava coberto por nuvens espessas e escuras que toldavam o céu. A atmosfera sufocava. A espaços eu sentia o ruído longínquo e confuso do trovão distante, como ruído de tambores na encosta da serra.

Tudo presagiava uma tempestade imminente. E eu, longe ainda, bem longe, do termo da minha jornada, receava ser apanhado em flagrante pela trovoadá ameaçadora, que parecia aumentar de momento a momento, e accessar-se de mim.

Apressei febrilmente o passo. Os pinheiros, esguios e bastos, semelhavam já um cemiterio de sombras sinistras. De vez em quando, um clarão repentino iluminava os céus, e eu podia então vê-los lá ao fundo, na orla do horizonte, castelos emaranhados de nuvens que anunciam borrasca.

Fez-se noite. A luz afogueada dos relampagos iluminava feericamente os pinheiros.

O trovão engrossava ferozmente. E a cada relampago, o coração dava-me um pulso.

A distancia, eu encontrava por vezes casebres escuros, por cujas frestas não saía um reflexo de luz. Lembrei-me de bater, e esperar que estalasse de todo a tempestade. Mas esperar... por quanto tempo?

Assediado por esta duvida, continuei resignado o meu caminho.

Mas a tempestade galgava já por cima da minha cabeça.

Os trovões começaram a ribombar atrocemente nos ouvidos.

E de minuto a minuto, uma luz azulada, ferina, intensa, duma intensidade pasmosa, cegava-me os olhos.

Em torno de mim eu parecia ver então uma fogueira imensa, infinita.

Com o estampido dos trovões que se succediam ininterruptamente, a terra como que estremeceu debaixo dos meus pés.

Nunca me senti tam pequeno!

E, para coroar a majestade tetrica do quadro, para dar ao meu ser espavorido a sensação final de uma grande tragedia da natureza eu vi: a poucos metros apparentes de distancia, descer em zig-zags diabolicos uma risca de fogo, cair com fracasso tremendo na copula dos pinheiros, depois de haver rasgado a atmosfera com um grito de morte!

Perturbei-me. Correu-me pelo corpo um suor frio.

E quando, um segundo depois, eu contempulava já ás escuras o sitio fulminado, ouvi ainda o ruído triste de um pinheiro quebrado, a estalos de dór, levando na sua queda os ramos de outros que o cercavam, e cair no chão com uns destes sons roucos e inertes como o baquear de um morço!

Impressionou-me deveras aquele espetáculo triste de devastação e de ruina. E' que eu havia presenciado, sem o esperar, o desenrolar curto e rapido de uma desgraça imminente.

E esta comoção, este abalo geral do meu temperamento, sinto-o eu ainda com mais força, quando ouço o badalar cadenciado dos sinos, a trazerem-me, na sua toada triste e monotoná, a noticia fulminante de um incendio!

Eu vejo então deante de mim as chamas devoradora de fogo que alastra, e sinto em mim mesmo a ansia dolorosa daquele a quem o incendio persegue.

Um incendio, minhas senhoras e meus senhores!

Alta e solitaria hora da noite, quando tudo é paz e silencio, quando o sono conforta os membros entorpecidos, acorda a gente na quele despertar brusco de um pesadelo, que nos rouba a quietude e descompõe o espirito.

Aquelas chamadas incessantes, com os gritos de alguem que está no transe de uma angustia, lançam no peito dos que os ouvem, a nota significativa de um flagelo.

E não ha nada que nos possa reter sem que, saltando rapidamente fóra do leito, se vá contemplar, de longe ao menos, o aspéto sinistro do incendio voraz. E' então que se vê, no escuro da noite, surgir no horizonte, por cima da casaria, uma piramide densa de fumo, levando embrulhada no seu clarão tragico, fagulhas cintilantes de carvão incandescente.

E de perto, meus senhores?

De perto, apresenta-se-nos diante dos olhos o espectáculo triste de uma devastação impiedosa, de uma guerra movida por um inimigo brutal. Inimigo que tudo põe a saque: a vida e as fazendas; a comodidade do lar, e até por vezes é o portador sinistro da miséria.

Um incendio!

Nós meus senhores, somos homens. Nessa qualidade, estamos sujeitos ás fraquezas da especie, e ao revoltear violento das paixões.

Podemos não vêr com bons olhos um inimigo, e poderemos até ás vêses compraser-mos, embora ignobilmente, com as raízes da sua fortuna. Mas por mais escandalizados que estejamos, por maiores que sejam os motivos que invoquemos para justificar a nossa attitude hostil para com está ou aquela pessoa, nunca chegaremos contudo a ser tão desumanos, tão perfidos, tão vis, que ao vêr arder em chamas a casa desse inimigo, não tenhamos por ele um cruciante sentimento de piedade.

Tam triste, tam cruel, e tam traiçoeiro é o incendio!

Ele consome numa hora os frutos accumulados de um capital de muitos anos; mais cruel que toda a crueldade humana, ás vêses nem sequer deixa ás suas vítimas um fato para se cobrirem.

Um incendio, com todo o seu cortejo de prejuizos, de sobresaltos e de inquietações, é peór, mil vêses peór, do que o raio devorador

que, cruzando desregradamente os ares, semeia nos corações o panico da morte.

Uma tempestade ameaça, mas muitas vêses não fere.

O incendio fere sempre; e se não tira a vida, tira ou diminua a fortuna, onde cá, lança a desordem e a perturbação. Nada respeita.

E ao vêr diante de mim esse braseiro enorme, engulindo na sua rapacidade selvagem o que ás vêses de mais caro pôde ter a familia, eu admiro sobretudo, com pasmo e simpatia, aqueles homens corajosos e energicos que, de capacete na cabeça e de machada á cinta, arriscam tudo. tudo meus senhores — para irem acudir á miséria do seu semelhante.

Como eles encarnam em si a coragem e a dedicação! Se não fossem grandes por estas duas qualidades sê-lo-iam já por uma delas. Mas eles reúnem-nas, fundem-nas num só acto de heroismo, e lá vão, cheios dessa coragem e dessa dedicação, travar com as labaredas feroces essa luta de morte que é o prazer de um bombeiro.

E depois, meus senhores, não acontece isto uma vêz; são, dez, quinze, vinte, tantas quantas fôr necessario, que eles correm sempre com nobre orgulho e com a mesma força de vontade.

Nem o fazem por interesse. Vós bem o sabeis: sam Voluntarios. Fazem-no, porque, acima de tudo vale o seu muito caratêr, o seu nobre temperamento, a sua bela alma.

E' por isso que, cada ano, eles vão receber ali, das mãos do ex.^{mo} Presidente desta festa, as medalhas que valem muito menos do que os seus feitos, mas que para nós representam os premios do seu valôr.

Nós os saudamos, minhas senhoras e meus senhores. Nós lhes agradecemos, com infindo reconhecimento, as provas que eles sempre nos deram do seu muito e grande sacrificio.

Para nós, os Bombeiros de Barcelos são como aquelas pessoas queridas que, quando todos nos atacam e todos nos abandonam, tem então maior prazer em partilhar as nossas agruras.

São, em suma, nossos eternos amigos. Brisa Corporação:

Eu tenho a certeza de que este seletissimo auditorio fará suas as palavras justas, embora palidas, da homenagem que vos dirijo.

Ele aclamará os vossos atos de sacrificio, os vossos trabalhos de salvação publica.

E assim como vós lhes tributais, em horas tristes de incendio, o auxilio valoroso dos vossos serviços, assim tambem todos os barcelenses vos retribuem esse auxilio com todas as forças do muito afêto que vos dedicam.

Fartos aplausos, e muito merecidos, colheu o ilustre orador no final da sua eloquente oração, sendo em seguida concedida a palavra ao simpatico e muito estimado militar, o sr.

Tenente Barros Bacelar

que ao levantar-se para falar arrancou da assistencia novas palmas, que se prolongaram por bastante tempo.

Dise que as palmas com que acabavam de o acolher e que agradecia muito reconhecido e penhorado, não eram certamente para ele, orador, mas sim para aquela simpática, atraente e emocionante festa, para aquela benemerita corporação, digna dos maiores elogios, dos mais calorosos aplausos, que proficua e incessantemente trabalha para o bem de todos nós, para o bem da humanidade. Quando qualquer deles, intrepidos, arrojados, destemidos e ousados, enverga a honrosa farda, de bombeiro, parece que todo o seu ser se transforma e modifica, parece surgir o antigo batalhador, com todas as qualidades que o nobilitaram e engrandeciam, audacia, coragem, firmeza inabalavel, indomavel virtude, e admiravel abnegação e altruismo.

Quando pelas horas caladas da noite, quando tudo é socêgo e tranquillidade, de repente se ouve as badaladas precipitadas dos sinos, sam eles quem deixa o conforto dos seus lares, as suas esposas adoradas, os seus filhos estremecidos, e corre a ir prestar o seu auxilio, trabalhando audasmente para salvar dos maiores perigos as vidas e as fazendas dos seus semelhantes. E quantas e quantas vêses nesse seu labutar contra esse horrivel e sinistro elemento a morte os vai arrebatá, traiçoeira e cobardamente.

Obreiros do bem, era preciso possuir uma vasta intelligencia, ter uma grande eloquencia, para poder realçar e pôr em destaque e evidencia todo o seu heroismo, todas as suas homericas façanhas. A si, orador, tudo, tudo lhe falta, para engrandecer aquela simpática festa.

Aquelas poucas e desconexas palavras sam ditas pela sua alma franca e leal, e se acedeu ao convite que gentilmente lhe foi feito pelo seu particular amigo Antonio Azevedo, foi por entender que cumprira um dever indo ali saudar a humanitaria associação, com este entusiastico viva:

Viva a corporação dos bombeiros voluntarios de Barcelos!

Com extraordinario entusiasmo correspondeu o auditorio á saudação do ilustrado orador, ouvindo-se a seguir uma calorosa salva de palmas.

Não estando inscrito mais orador algum, o sr. presidente declarou encerrada a sessão, executando a banda da casa, por essa occasião, o Hino dos bombeiros.

Distribuição de medalhas

Na sessão solene, procedeu-se á distribuição das seguintes medalhas: 2.^o comandante Joaquim A. Pereira e chefe de guarnição João Gonçalves da Silva, por 20 anos de serviço; chefes de guarnição Secundino Esteves e Fernando Marinho, por 15 anos; 1.^o aspirante Alberto Esteves e bombeiro Agostinho Correia, por 10 anos; e Antonio Roriz de Azevedo e José da Cruz Lima, por cinco anos.

Restava um dos numeros mais atraentes, que era

Q simulacro do incendio

para que o proficiente 1.^o comandante do corpo tinha feito previamente um telmo.

O exercicio correu na melhor ordem possivel, tendo todas as praças, especialmente alguns graduados, revelado poderosas aptidões para o altruista mister a que se entregam. De lamentar foi que as suas corréção e regularidade fossem prejudicadas com a impericia do continuo, fassend precocemente um sinal de rebate.

Ao exercicio vieram assistir, como representantes dos Bombeiros Voluntarios de Braga, o seu ajudante Domingos da Conceição, 1.^o patrão Adelino Augusto Coutinho Melo e aspirantes Matias José Antunes e José Maria Gonçalves de Barros.

A policia do recinto era feita pela banda de

musica da corporação, sob a direção do seu habil regente sr. Manoel Silva, que depois, das 6 ás 8 da noite, executou um

Concerto musical

no corêto para esse fim levantado em frente á sede da associação. Sobejamente mostrou a excelente banda a justiça que lhe cabe nos bons creditos de que goza.

O repertorio era muito escolhido e com muito agrado o ouvimos, pois foi executado com muito apreçavel mimo.

A's oito horas, teve lugar no salão nobre da associação

A Ceia

promovida pelo corpo ativo.

A ela assistiram os comandantes Manuel Pereira Esteves e Joaquim Antonio Pereira, patrões Alberto Est.ves, Arnaldo Azevedo e Fernando Marinho e quase todas as mais praças; convidados sr. dr. Reis Maia e tenente Barros Bacelar; presidente da direção sr. Manuel Ramos de Paula; secretario sr. Antonio Emilio Roriz de Azevedo; regente da banda sr. Manoel Silva; e, entre outros cavalheiros, socios ativos, os snrs. Virgilio Esteves, Manoel Moreira Esteves, Adelino Torres, Francisco Pereira Martins, Manoel Antonio Esteves, capitão Baltazar Ferraz, Eugenio Azevedo, Arnaldo Braz, Avelino Martins, João Martins, Manoel da Cruz Lima, Francisco Paula; delegados dos Bombeiros Voluntarios de Braga e o antigo bombeiro sr. José Antonio Monteiro Torres.

O menu constou do seguinte: Canja; cosido á portugueza; tripas á portuense; bacalhau esfarrapado; róbife; leite-creme; queijo; frutas diversas; e vinhos: verde de Barcelos e Generoso do Porto.

Forneceu a ceia a sr.^a D. Urbana Durães, proprietaria do magnifico Hotel-Restaurante Urbana, que na confeição de todos os pratos pôs grande cuidado e esmero, conseguindo proporcionar-nos um banquete primoroso, sem as esquisitices da cozinha franceza, mas com os pratos muito nossos, muito minhosos até, que nós sem duvida lhes preferimos, sobretudo quando, como agora, saídos das mãos de uma mestra.

Ao toast iniciou os brindes o comandante sr. Manoel Pereira Esteves, que leu um belo discurso em que eram postos em destaque os valiosos serviços com que o teem auxiliado o estimado presidente sr. Manoel Ramos de Paula, o secretario sr. Antonio Emilio Roriz de Azevedo, o regente da banda sr. Manoel Silva e toda a corporação do seu comando.

Como dissesse, a certa altura, estar já farto e cansado da sua afanosa tarefa e porisso disposto a entrega-la a outrem, todos os convivas protestaram contra tal, fassendo-lhe uma verdadeiramente frenetica manifestação de simpatia e pedindo-lhe a desistencia de tal proposito.

Brindaram depois pelas prosperidades da associação, pelo corpo ativo, pelos seus comandantes, por todos os socios ativos, por Antonio Esteves, José Monteiro Torres, ex-bombeiro, Manuel Antonio Esteves, etc., os snrs. Manoel Ramos de Paula, dr. Reis Maia, tenente Bacelar, Arnaldo Braz, Joaquim Antonio Pereira, Alberto Araujo, José da Cruz Lima e capitão Ferraz.

Tambem foi feita uma saudação aos voluntarios bracarenses, que o sr. Domingos Conceição, seu ajudante, ali presente com os seus tres camaradas que vieram assistir ás festas, agradeceu.

Era cerca de meia noite quando terminou a ceia, sendo em seguida, no café Antonio Matos, oferecido o café a todos os convivas pelo comandante sr. Manoel Esteves.

Assim fecharam, e com chave de ouro, as festas comemorativas do aniversario da benemerita, prestante e filantropica Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Barcelos.

NO DIA 8

A festa da Liga

Na manhã do domingo foram as festas dos alunos da Liga de instrução e educação anunciadas aos barcelenses pelos hinos festivos da banda da officina Asilo, que percorria as ruas da vila.

Ao meio dia, em frente á sede da prestante instituição formava-se o cortejo que seguiu para a Praça de touros, onde se realizava

A festa da bandeira

A' sua frente ia a banda da officina, seguindo-se-lhe depois os alunos da Liga, Escola Agricola, Escolas primarias da vila e as de S. Martinho e Barcelinhos, com os seus respetivos professores, Circulo de Operarios, Associação dos empregados no Comercio, Associação Humanitaria de Socorros Mutuos Barcelinense, direção da Liga sr. drs. Martins Lima, Augusto Monteiro, Belêsa dos Santos e Miguel Fonseca e Antonio Marques de Azevedo, tenente Barros Bacelar, Albino Leite e padre Antonio Esteves; padre Rodrigo Fontinha, tenente Fernando Cardoso, dr. João Cardoso de Albuquerque, administrador do concelho tenente Barbeitos Pinto, major Domingos Belêsa da Costa, capitães Ferraz e Vaz, tenente Silva, dr. Luiz Martins Soares, sub-inspetor primario Julio Cesar de Lima; João Coelho da Cruz presidente da Associação Commercial; presidente da comissão paroquial Domingos Pereira Esteves e vogaes Antonio Cardoso, João Pacheco e Luiz Fonseca; etc. etc.

Chegado o cortejo á Praça de Touros, pela menina Tereza Bandeira, coadjuvada pelo menino Rodrigo Maciel, foi içada a bandeira nacional, por entre calorosas palmas, num mastro que se erguia ao centro da arena.

A banda da officina entoou o hino da Bandeira, de Julio Moutinho, e depois outro de Augusto Machado, cantando-os as crianças das escolas em côro, o primeiro com a letra de Antonio Lemos e o segundo com a do Conde de Monsaraz.

Ao haster a bandeira todos os assistentes se descobriram e puseram de pé, cumprimentando-a os militares: com a continencia.

Em seguida fáz uso da palavra o sr.

Dr. Augusto Monteiro

que num belo rasgo de sinceridade e eloquencia incitou as crianças ao culto da bandeira, simbolo augusto da patria, quer ela se nos apresente com as tradicionais côres azul e branca, que nos recordam os grandes feitos de outrora, as conquistas e descobertas que tornaram grandes e gloriosos os portuguezes, quer com a vermelha e verde, que traduzem o gesto heroico com que o povo se libertou de um regime que punha em perigo a sua querida patria.

Ele, orador, conquanto um apaixonado da ban-

deira que tinhamos com as côres azul e branca, não deixa de estremecer a que tremulava no tôpo da quele mastro — pois qualquer que seja a sua côr é sempre o simbolo da patria, que todos nós devemos amar e a que temos obrigação de, como bons cidadãos, prestar culto.

Falava assim e pessoa alguma o podia apodar de suspeito, pois não é um adesivo da republica; é um portuguez que, acima de tudo, ama a sua patria.

Não nos foi possivel tomar da arrebatadora oração do sr. dr. Monteiro mais do que umas muito ligeiras notas, apontadas apressadamente sobre o joe-lho, não podendo portanto, como desejavamos, dar aos nossos leitores mais do que este resumidissimo extrato.

Finda esta simples mas emocionante cerimonia, distribuiu-se

O lunch

ás crianças das escolas que estavam presentes.

Foi essa missão confiada ás gentis demoiselles D. Zué Martins Lima, D. Maria José Belêsa, D. Helena Peixoto, D. Alzira Miranda Passos, D. Laura Miranda Santos, D. Jeni Cardoso, D. Etelvina Augusta de Miranda, D. Helena Vieira, D. Maria Tereza Faria e D. Leopoldina Vieira Osorio.

Na mesma occasião, tambem as galantes meninas D. Julia Gomes Pereira, D. Rosa Roriz de Azevedo, D. Maria de Lourdes Martins da Costa, D. Olindina Cardoso de Albuquerque, D. Adelaide Coelho da Costa e outras distribuiram os cartões de admissão para a sessão cinematografica.

A's 2 horas da tarde tivemos o grato praser de ouvir

No teatro Gil Vicente

á conferencia do sr. p.^o Fontinha, figura de repubblico historico das mais prestigiosas do país.

A mesa para tal fim constituiu-se sob a presidencia do sr. dr. Martins Lima, considerado presidente da Comissão municipal republicana e da direção da Liga de instrução, tendo como secretarios os snrs. administrador do conselho tenente Barbeitos Pinto, e sub-inspetor escolar sr. Julio Cesar de Lima.

Feita a devida apresentação do conferente, pelo apaixonado e velho democrata sr. dr. M. Lima, logo lhe foi dada a palavra.

A oração do sr.

P.^o Fontinha

foi o que ha de mais belo, de mais surpreendente; uma maravilha de eloquencia, uma perola oratoria de incalculavel valôr. Era a primeira vêz que ouvimos o abalizado conferente e confessamos que tudo nos encantou, desde a sinceridade que se espirava nas suas palavras e o brilho da forma literaria, até á riqueza das lindas imagens e a nobreza das ideias.

Não tentamos sequer bosquejar o que foi a sua conferencia, porque da nossa pena nunca poderia sair nada que dela se aproximasse. Esperamos, porem, poder arquivar no proximo numero do nosso jornal aquilo que ainda agora d'ela puder transmitir ao papel o seu ilustre autor.

Escusado seria disêr-se que os barcelenses o aplaudiram com delirio muitas vêses, sobretudo no final.

Em seguida, fês uso da palavra o sr.

José Domenech

um grande e generoso amigo de Barcelos.

Começa por dizer que sam já grandes e muitos profundos os sentimentos afêtivos que o prendem a esta vila.

Nela reside ha cinco anos e durante esse periodo de tempo, tais demonstrações de consideração e carinho tem recebido do seu hospitaleiro povo, que não podia deixar de lhe tributar uma enorme afeição.

E é essa afeição que naquele momento o não deixa calar o entusiasmo, a sincera alegria que lhe vai no intimo, na presença de tam encantadora festa.

Confessa-se deslumbrado perante a admiravel peça oratoria do ilustre conferente e garante ao povo que sam grandes vrdades tudo quanto dos seus labios saiu sobre a instrução.

Está convencido de que será dela que ha-de surgir o levantamento moral do povo portuguez, como será da agricultura que nascerá o seu levantamento financeiro.

Felicita Barcelos por alguns dos filhos que possuia e que em ambas estas obras trabalham com denodo: a um nucleo dêles se deve a fundação da benemerita Liga e a outro, um só, verdadeira perola de inexcitavel valôr, se deve o estabelecimento do Asilo-Escola-Agricola; e esse grande benemerito, esse inegalavel amigo do povo da sua terra, que para tal fim fês o donativo importante de cincoenta contos, todos o sabem, diz o orador, é esta grande alma — e corre a abraçar o respeitabilissimo barcelense sr. Gonçalo Pereira, que se achava numa friza contigua ao palco.

As ultimas palavras do sr. José Domenech, conquanto não constituem uma revelação para a maioria dos assistentes, não obstante a reserva que se mantinha sobre o assunto, fês como que elêtrizar o auditorio, que rompeu numa daquelas manifestações que jamas podem olvidar-se.

Na frenetica ovação que foi feita ao grande benemerito, transpareceu bem a gratidão que o povo de Barcelos bem reconhece dever-lhe.

O sr. José Domenech foi abraçado por diversos cavalheiros que se achavam no palco, juuto dele, entre os quais o sr. dr. Martins Lima, que declarou não estar inscrito mais orador algum.

Então, as crianças de todas as escolas entoaram o hino *Maria da Fonte*, acompanhadas pela banda da Officina asilo, levantando-se todos os presentes, logo aos primeiros sons.

A's cinco horas, realizou-se

A sessão cinematografica

que a empresa Basan gratuitamente proporcionou ás crianças das escolas.

As fitas foram escolhidas entre as mais moralizadoras e agradaram imenso aos pequeninos assistentes.

Pequenas notas

As salas da Liga estiveram durante todo o dia franqueadas e foram sempre muito visitadas.

Não só aí como tambem na entrada e escadaria de acesso, ostentavam as paredes lindas ornamentações feitas pelos alunos.

—A fachada da parte do edificio da Camará Municipal em que estão instaladas as aulas esteve a noite muito bem iluminada á moda do Minho, com *copinhos* e balões de variadas côres, que produziam um efeito surpreendente.

—Das 6 ás 8 horas da noite tocou numa das salas da Liga a banda da officina asilo.

Barcelos por dentro

VIDA MUNDANA

Aniversários natalícios:

No dia 7 o do sr. Henrique P. da Costa, no dia 8 o do sr. João Carlos Coelho da Cruz e no dia 11 o do sr. Joaquim da Cunha.

Passam — no dia 17 o da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Chaves Marques e no dia 18 o das ex.^{mas} sr.^{as} D. Celia Martins Lima de Barbeitos e D. Maria Manoela de Sá Ramires.

Estiveram:

Em Braga — os snrs. dr. Martins Lima.

No Porto — os snrs. Domingos Ferreira e Eduardo Martins.

Em Viana do Castelo — os snrs. drs. Vieira Ramos e Teotónio da Fonseca e Sebastião Brito.

Em Vigo — o sr. Salvador Domenech.

Em Barcelos: os snrs. Fernando de Magalhães, dr. José Novaes, José Antonio Torres e Luiz Gomes da Costa.

Enfermos:

Com um ataque de «gripe», estiveram os snrs. Aurelio Ramos e dr. Gonçalo Araujo.

— Um tanto incomodada de saúde, guarda o leito a ex.^{ma} sr.^a D. Rosa do Lago Felgueiras Gajo.

— Com reumatismo, acha-se enfermo o sr. dr. Joaquim Pais de Vilas Boas.

Registo paroquial:

Na ultima segunda-feira, na matriz desta vila, realizou-se o batizado de uma filhinha do sr. Manuel Rodrigues da Fonseca, que recebeu o nome de Joana, sendo padrinhos a sr.^a Joana da Conceição e o sr. João Rodrigues Costeira.

— Na quarta-feira, também na igreja matriz se efetuou o batizado de uma filhinha do sr. Joaquim dos Santos, recebendo o nome de Maria do Carmo, paraninfando a sr.^a Carolina de Lima Cruz e o sr. Francisco Pereira de Araujo.

Délivances:

Na ultima segunda-feira, deu á luz uma criança do sexo feminino a ex.^{ma} esposa do sr. dr. José dos Reis Maia, tendo sido bastante feliz.

Os nossos cumprimentos.

Pequenas notas:

— Retiraram para Coimbra os snrs. Antonio Ferreira Pedras e Domingos Luciano Figueiredo.

— Foi ante-hontem a Braga o sr. Antonio Augusto d'Almeida Azevedo.

— Parte amanhã para Coimbra o sr. Manoel de Lima Torres.

Camara Municipal

Sessão de 7 de janeiro

Presente toda a comissão municipal.

Fizeram concurso para os logares de cantoneiros os snrs. Manoel Gomes da Cruz e Severino da Silva Vitorino, de Chorrente, sendo excluído um candidato — Domingos da Costa, por não saber ler nem escrever.

Expediente

— Três officios do inspetor da circunscrição escolar, perguntando se a comissão municipal mantém o compromisso tomado por vereações transatas de fornecer mobiliario para a escola da Silva e criação duma mista em Mandim e Remelhe.

A convite do sr. presidente, o sr. secretario informa que ha um legado do sr. Ferreira da Costa, da quantia de 3:000\$000 reis, para a criação da escola na freguezia de Remelhe, e como julgasse essa importancia insufficiente, a ultima vereação não o aceitou.

Ficou encarregado de estudar o assunto o sr. dr. Luiz Ferreira.

— José Gonçalves Gomes, de Barquiros, deseja vedar uma sua propriedade, que fica á face da estrada municipal, para o que pede a necessaria autorisação. Ao condutor municipal.

— Res-lvido deferir o requerimento do sr. Aurelio Ramos, desta vila, apresentado na ultima sessão, em vista da informação dada pela Junta de Paroquia.

— Joaquim Gomes Pereira, de Chavão, pretende pagar o laudêmio de uma propriedade que comprou, foreira ao municipio.

— A Junta de Paroquia da Carreira pede licença para fazer uma vedação num terreno, junto á estrada, para fazer provisoriamente os enterramentos, visto o adro, onde sam agora feitos, ser insufficiente.

Francisco Simões, como caisse parte da vedação duma propriedade sua, pede licença para começar as obras. Deferido, sem prejuizo publico.

O matadouro

— Avelino Aires Duarte, desta vila, tendo conhecimento de que não houve concorrente algum ao logar de veterinario municipal, que a concurso esteve, e como exerceu o logar de fiscal do matadouro durante 5 anos, sem que durante esse espaço de tempo houvesse nenhuma queixa nem reclamação do seu serviço, pede para ser nomeado, recebendo de remuneração o que a comissão entender.

O sr. presidente diz parecer-lhe desnecessaria esta nomeação, por ele e o membro da comissão do pelouro, do matadouro irem sempre ver abater

as rezas, parecendo-lhe porém que o melhor seria aumentar ao ordenado de veterinario para conseguir-se que concorrésse um que tivesse o curso de agronomo, pois este concelho é essencialmente agricola e assim lucraria muito. Resolvido indeferir o requerimento e nada ficou deliberado quanto ao abrir-se novo concurso.

Nomeação de cantoneiros

— Em seguida, procedeu-se, como determina a lei, ao escrutinio secreto para a nomeação dos dous vagos logares, de cantoneiros, recaindo as nomeações, por unanimidade, nos snrs. Manuel Gomes da Cruz, para a estrada de Carreira e Severino da Silva Vitorino, para a de Grimancelos.

Como na sessão estejam alguns cantoneiros, o sr. presidente incita-os a que sejam trabalhadores, que cumpram com os seus deveres e para os estimular propoi, o que foi aprovado, que da verba destinada á viação, se crie um premio de 10\$000 reis, que será distribuido anualmente pelo cantoneiro que mais cuidado tiver no seu serviço.

O quiosque — Outros assuntos

— Por não ter até agora José Antonio Barboza, desta vila, dado cumprimento á intimação feita para retirar o seu quiosque, do campo da Republica, ficou resolvido mandar, por meios energeticos, essa demolição.

— Ficou também deliberado relaxar os foros que não foram pagos no tempo competente.

— Como parece que o sr. Tomaz de Araujo deseja fazer um aumento e não reconstruir, a casa no campo da Liberdade, que com os ultimos temporais aluiu, a comissão resolveu ir ver as projectadas obras e adiar a resolução do assunto para a proxima sessão.

Em seguida, foi encerrada a sessão.

OS MORTOS

D. Alcinda de Sousa Neiva

Pelas seis e meia horas da tarde de hontem, faleceu nesta vila, contando apenas vinte e seis anos de idade, a sr.^a D. Alcinda de Sousa Neiva, estremecida filha do estimado official do juizo desta comarca sr. Manoel Neiva.

A desditosa menina, que preciosas qualidades de todos tornava tam simpatica, foi victimada pelos estragos de uma tuberculose pulmonar.

Aos doridos enviamos a expressão sincera do nosso pesar.

Bernardino Pereira

Na avançada idade de 88 anos, faleceu domingo, pelas 2 horas da manhã, o sr. Bernardino Antonio Pereira.

O extinto exerceu durante muitos anos e com proficiencia o lugar de amanuense da administração, no qual, presentemente, se achava aposentado.

Os seus funeraes realisaram-se segunda feira, com granue concorrência.

Tambem faleceram:

Um filhinho do sr. João Antonio Gomes de Amorim, desta vila, que tinha onse meses de idade.

— Na freguesia de Silveiros, a esposa do sr. José de Araujo.

— Em S. Martinho de Aborim, o sr. Francisco Neiva.

— Na freguesia de Vila Cova, o sr. Faustino Gomes da Silva.

— Em Barcelinhos, o sr. José Maria de Jesus e a mãe do estimado artista sr. Herminio Gonies de Faria.

A todos os enlutados os nossos pesames.

VIDA MILITAR

Foi condecorado com a medalha de cobre de comportamento exemplar o 2.^o sargento do 3.^o batalhão de infantaria n.^o 3, sr. Joaquim Tristão Pereira Pimenta.

— Foi readmitido por mais tres anos no serviço ativo o 1.^o sargento do 3.^o batalhão sr. José Mario da Silva.

— Foi colocado no 3.^o batalhão de infantaria n.^o 3 o 1.^o sargento de caçadores n.^o 3 sr. Ludovico Rosas.

— Seguiu para Lisboa a apresentar-se no regimento de infantaria n.^o 2, para onde foi promovido, o sargento ajudante sr. José Mendes Alçada.

— Apresentou-se ao serviço no batalhão aquartelado nesta vila o sr. alferes Francisco Vila-chã Rodrigues Leite.

— Fêz exame de alferes de reserva, ficando aprovado, o 2.^o sargento de infantaria 3 no goso de licença registada por estar ao serviço dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro, sr. João de Almeida Valença.

Novas autoridades e comissões paroquiais

Começamos hoje a publicar a relação das autoridades e comissões paroquiais, ultimamente nomeadas pelas autoridades da republica para as freguesias deste concelho:

Abade do Neiva

Regedor effectivo — Manoel Alves Rodrigues; *Comissão* — Presidente — Domingos José Ferreira, Bernardo José Domingues, Domingos José Mendes, João José de Freitas e José Antonio Abelheira.

Aborim

Regedor effectivo — José Vaz Correia; *Comissão* — Francisco Ferreira, Francisco José de Sousa, Francisco Pereira, João Lacerda e Joaquim Antonio Coutinho.

Adães

Regedor effectivo — José Lopes d'Azevedo; Regedor substituto — Cypriano da Silva e Souza. *Comissão* — Agostinho Barbosa Pereira, Antonio Gonçalves da Costa Lopes, Domingos Gomes d'Araujo, Francisco José Falcão e Jayme Cortez.

Aguiar

Regedor effectivo — Domingos Martins Parente (anterior); *Comissão* — Antonio Coutinho, Domingos Martins Lourenço, Gabriel da Silva Caridade, Joaquim Martins Ferreira e Manoel José de Souza.

Airó

Regedor effectivo — Antonio Nunes Barbosa. *Comissão* — Abraão Gomes, Francisco Lopes de Faria, Francisco Pereira Lopes, Manoel Joaquim Coelho da Silva e Manoel Joaquim Lopes da Silva.

Aldreu

Regedor effectivo — João Gonçalves de Sá (anterior); Regedor substituto — Manoel d'Araujo Quintas.

Comissão — Antonio Rodrigues da Cruz, Manoel José de Queiroz; Manoel Martins, Manoel de Sá Junior e Manoel de Sá Thomaz.

Alheira

Regedor effectivo — Joaquim Fernandes Barbosa (anterior).

Comissão — Domingos Mendes, João Gonçalves Lima, João Manoel Pereira, João Rodrigues Portella e Manoel Martins da Costa.

Alvelos

Regedor effectivo — Manoel Joaquim Fernandes. *Comissão* — Antonio Joaquim de Figueiredo, Antonio Joaquim Simões, Antonio Joaquim Gomes Junior, João Francisco de Souza e José Antonio de Souza.

Alvito (S. Martinho)

Regedor effectivo — Domingos de Souza e Silva (anterior).

Comissão — Domingos Duraes Torres, Francisco Ferreira Duraes, Francisco José de Souza, José Alves da Costa e Manoel Alves Remulhe.

Alvito (S. Pedro) e Ginzo

Regedor effectivo — Francisco Luiz Corrêa (anterior).

Comissão — Alipio de Magalhães Velloso e Santos, Antonio Rodrigues Duarte Rosa, José Lopes, Manoel d'Oliveira e Manoel Rodrigues Pinheiro.

Arcozelo

Regedor effectivo — Manoel José Ribeiro.

Comissão — Antonio José Alves, Antonio José Cardoso, José Joaquim Vieira, José do Valle e Justino José Pereira da Silva.

Areias S. Vicente

Regedor effectivo — Joaquim de Macêdo Corrêa.

Comissão — Francisco Corrêa de Macêdo, João Gonçalves, João Gonçalves Galho, João José Fernandes e Manoel José d'Araujo.

Areias de Vilar e Madalena

Regedor effectivo — Severino José Gonçalves (anterior).

Comissão — Antonio Lopes Loureiro, João de Oliveira, Joaquim Eduardo Loureiro, José Rodrigues Prado e Manoel Joaquim da Silva.

Balugães

Regedor effectivo — Domingos d'Amorim Magalhães, Regedor substituto — Joaquim Lopes Pereira.

Comissão — Antonio Lopes Carvalho, Domingos José de Souza, João José de Magalhães, José Antonio Faria de Mattos e Manoel Joaquim Fernandes.

Barcelinhos

Regedor effectivo — Joaquim da Silva.

Comissão — José Antonio Pereira, José Antonio Pereira, José Antonio da Silva, José Pereira Simões e Francisco Alves Simões.

Barcelos

Regedor effectivo — Antonio José d'Araujo, Regedor substituto — Antonio Pereira Martins.

Comissão — Domingos Pereira Esteves, Antonio Cardoso d'Albuquerque, João Antonio Pacheco Leite, Luiz José Eugenio Antonio Pereira da Silva Fonseca e Manoel Vieira d'Azevedo.

Antonio Baltazar

Está já completamente restabelecido dos seus incomodos esse nosso estimadissimo amigo e intelligente diretor, tendo já no passado domingo retirado para Coimbra, a proseguir nos seus estudos na Universidade.

Novas Publicações

A Mocidade

E' tam frequente em Barcelos o aparecimento de um novo jornal, que o fáto se tornou já destituído da mais insignificante parcela de interesse.

Quase sempre puras tentativas, que não logram o exito de um curto ano de vida, mesmo accidentada, com as irregularidades a que as forçam os obstaculos inerentes a empresas de tal jaés: pouco tempo volvido, morrem, com a mesma natralidade com que nasceram, e a bem diser sem se dar por tal.

Surge a *Mocidade*, revista mensal literaria e recreativa, dirigida pelo sr. Armindo Miranda, que já haviamos anunciado.

Está talvez condenada ao triste fado da maioria das publicações feitas em Barcelos, se não tiver a incutir-lhe vida uma grande força de vontade e um grande entusiasmo, que muito desejamos poder ainda constatar, d'aquí a algum tempo, nos seus cooperadores.

A *Mocidade* deve existir; é uma revista necessaria, para tirocinio de todos quantos tenham a paixão das letras, para os novos, que, em regra, encontram sempre sistematicamente fechadas as portas das publicações literarias, desde que estas adquiram foros e creditos. Receios dos diretores de virem a ser suplantados por aquêles a quem proporcionam o ensino dos ensaios, orgulho ou o que quer que seja, o caso é que é com um ridiculo desdem que, na maior parte das vês, sam acolhidos os debutantes das letras.

Quantas vaidades a dominar, quantos vexames a sofrer e quantas difficuldades a vencer, para se chegar a conseguir uma escassa colóna onde se aloje a primeira produção, para se chegar a gosar as comoções desses momentos tam cheios de deliciosas esperanças, quando o não sam de crueis desilusões e desanimos, como para aquêles que se vêem recebidos pela critica dos mestres, dos tarimbeiros da literatura, á pedrada...

Que de recordações transmitiríamos aos hirtos linguados que temos na nossa frente, se nos não lembrassemos que, muito longe de estarmos a escrever uma crónica, estamos muito simplesmente a fazer uma noticia da publicação do primeiro numero da *Mocidade*.

Prosigamos, pois, sem mais devaneios: apesenta-se muito bem colaborado: três contos, um de Silva Leitão, nome já conhecido e consagrado entre nós, outro de Balino Marquezado, pseudonimo que supomos velar o nome de um brilhante literato barcelense e outro de Mario de Almeida Figueiredo; algumas poesias, duas das quais, muito apreciáveis, firmadas por Lima Torres e Antonio Ferreira e outra, também de merecimento, pelo pseudonimo *Enigmático*; fecha a revista com uma secção recreativa, deveras interessante para os pacientes.

Louvamos o ter-se tirado á *Mocidade* o caráter noticioso com que ela havia sido anunciada, pois não é êle muito de molde a uma publicação deste genero, que, demais, só uma vês em cada mês se publica.

Não tinha razão de existir uma tal secção, a não ser que ela se destinasse a alguem que quisesse fazer uma aprendizagem de repórter...

De resto, na parte relativa a colaboração, não podia impressionar-nos melhor a simpática revista, como obra de novos, todos, salva uma ou outra excepção, quase debutantes.

Porem, para tudo não ser louvores, confessemos o nosso desagrado por duas coisas: a primeira — o uso de pseudonimos em produções literarias. E' uma modestia que nada autoriza, ou um receio que nada justifica. Pode tolerar-se em quem tem já o seu nome feito, ainda que apenas localmente, e que tam conhecido será com o veu do pseudonimo como sem êle. Em principiantes, em quem é nobre a existencia da legitima aspiração da fazer nome, não podemos levar isso a bem.

O segundo motivo do nosso desagrado é a velharia da ortografia etimologica, das nossas escolas primarias.

E' um preconceito que á falange nova cumpre demolir, antes ainda de qualquer medida do governo a isso tendente.

Na rotina das folhas diarias, feitas por gente, que, mercê do seu trabalho enorme e absorvente, não tem tempo de se dar a estudos filologicos, é admissivel.

Numa revista de letras, onde se deve primar pela demonstração de estudo, pela vontade de se instruírem e tornarem util e proveitosa a sua tarefa jornalistica, muito melhor ficaria qualquer outra ortografia mais lógica, mais racional, purista; simplificada, etc.

Ha dois mestres a seguir: Candido de Figueiredo e Gonçalves Viana; uns fazem-n'o absolutamente, sem desprêso de uma só das suas indicações ou regras. Outros, para atenuar a transição, tornando-a menos brusca, preferem introduzir em qualquer d'elas algumas modificações, que sam outras tantas transigencias com a velharia radicada nos espiritos pouco cultos.

O que é certo é que hoje, no mundo literario, se bem que não haja uma ortografia uniforme e que a desorientação nisso seja grande, mal só atribuível á falta de um estudo completo sobre o assunto feito por entidade cotada, como seja a Academia das Ciencias, a que aparece menos preconizada é essa dos absurdos *ph, th, ll*, etc.

E senão vejamos a *Educação Nacional*, excelente revista de instrução, a *Límia*, que tem o nome abalizado de João da Rocha como diretor, a *Aguia*, que, entre outros homens de va ôr, conta no numero dos seus dirigentes Jaime Cortezão e Leonardo Coimbra.

Temos, decididamente, de romper com essa estafada gramática que só os *analfabetos* apaixoná, talvez por ser de uma aprendizagem facil, porisso que é feita material e inconscientemente, como tudo o mais que vai aprender-se nas nossas escolas do estado, onde se encontra tudo — menos senso pedagogico, mobilia e alunos...

Acabemos com essa ortografia diabólica, para darmos lugar a outra qualquer, menos complicada, que se reconheça mais de molde com o positivismo da nossa época e que seja o fruto de um estudo mais racional, como se fêz por completo na Espanha e na Italia, como se vai fazendo em França e como ha-de fazer-se no outro pais latino que resta — Portugal.

Que a *Mocidade* satisfaça a este nosso desejo, que isso não será senão motivo de louvores, pois mostrar-nos-á que os seus directores e redactores sabem tornar util e proveitosa a tarefa a que se entregam por mero passa-tempo.

E, para terminar esta formidável maçada: longa vida, muitas prosperidades e que em breve tenhamos o prazer de a ver encurtecer para quinquenais os períodos da sua publicação.

Alem d'isto — muitos parabens ao Armindo, pelo que soube conseguir da sua muita vontade.

Criticas estravagantes

Com este titulo vai o nosso amigo sr. dr. Gonçalo de Araujo iniciar em breves dias a publicação de uns panfletos quinquenais.

O nome do autor, se não é uma garantia de grandes brilhos literarios, é a contudo da sinceridade, desassombro e energia, que sam as qualidades menos vulgares e mais de apreciar em publicações de tal genero.

AOS LEITORES

Por motivo da interrupção do serviço de correios causada pela greve dos empregados da Companhia real, não recebemos até a hora de entrar na máquina o nosso jornal o artigo que devia ir em fundo, e que de Coimbra tinha de remeter-nos o nosso director.

Como não queremos que o «Radical» seja distribuido ainda com mais atraso do que aquêle que outras razões já motivaram, preferimos publica-lo sem artigo de fundo.

Movimento Associativo

Associação Humanitaria de Socorros Mutuos Barceinense

Realizou-se no penultimo domingo na sede desta agremiação, a eleição dos seus corpos gerentes para o ano corrente, ficando assim constituídos:

Dirécção. — Bernardo José Simões, presidente; João Gomes da Silva, vice-presidente; Flavio de Sousa Neiva, 1.º secretario; Agostinho Correia, 2.º secretario; e Joaquim do Carmo Martins, Antonio José Torres e Domingos Martins, directores.

No mesmo dia procedeu-se tambem ao apuramento das contas da Associação, que ofereceu um saldo de 120:000 reis.

Associação de beneficencia dos empregados no comercio

Reuniu no ultimo domingo a direcção d'esta coléktividade, resolvendo nomear tesoureiro o vogal sr. João da Cruz Miranda.

Comissão de defesa dos Empregados no Comercio

Tambem reuniu ha dias a comissão de defesa dos empregados no comercio desta vila, resolvendo enviar ao sr. ministro do interior o seguinte telegrama:

«A comissão caixeiros Barceles, reunida hoje, em completa adesão aos colégas Pôrto e Lisboa, confiam em que V. Ex.ª honre sua palavra dada aos caixeiros e espera decreto descanso com horas trabalho até 10 corrente.

Pela comissão — João Gouveia, José Carvalho, João Miranda.»

VIDA JUDICIAL

Audencia de 6 do corrente:

Juiz presidente, snr. Arriscado de Lacerda.
Delegado do Procurador da Republica, snr. dr. Pinto Ribeiro.
Distribuidor snr. dr. Castro Faria.
Escrivão de serviço, o do 2.º officio, snr. Silva.

Distribuição

Cível

Ação ordinaria de João Pereira, da freguesia da Pousa, contra Maria Pereira, viuva, da mesma freguesia.

Ao 4.º officio, snr. Monteiro.

Comercial

Ação do Banco de Barcelos contra Manoel José d'Almeida e outros, da freguesia de Barcelinhos.

Ao 6.º officio, snr. Baltazar.

Orfanologico

Inventario por obito de José Duarte Coelho, da freguesia de Galegos Santa Maria.

Ao 2.º officio, snr. Silva.

Audencia de 10 do corrente mez:

Os mesmos funcionarios da anterior.

Distribuição

Cível

Emancipação de Secundino Antonio de Figueiredo, da freguesia de S. Martinho de Vila Frescainha.

Ao 1.º officio, snr. Cardoso.

Orfanologico

Inventario por obito de Ana das Dores, da freguesia de Carvalhal.

Ao 6.º officio, snr. Baltazar.

Dito por morte de Antonio de Sousa, tambem da freguesia do Carvalhal.

Ao 4.º officio, snr. Monteiro.

Dito por falecimento de Miquelina Barbosa Coutinho, da freguesia de Cabanelas.

Ao 4.º officio, snr. Monteiro.

Julgamento:

Em processo correccional, pelo crime de ofensas corporais, responderam na ultima 3.ª feira, no tribunal judicial d'esta comarca Antonio Moreira da Silva e Antonio de Faria da Silva, da freguesia de Chorrente, respondendo o ultimo tambem pelo crime de furto.

Foi seu defensor o snr. dr. Belesa dos Santos.

Foram condenados o 1.º e o 3.º réus, com o respectivo abatimento da anistia, em 2 meses e meio de prisão e 10 dias de multa a 100 reis, e o 2.º em 15 dias de prisão e 3 de multa.

Matadouro

O movimento do matadouro d'esta vila no ano findo foi o seguinte: *Reses abatidas:* 156 bois, 440 vacas, —167 vitelas, —302 carneiros.

Total de 1:065 cabeças, que pesavam 132:308 quilos e renderam de imposto: para a Fazenda 1:500\$369 reis, para a Camara 3:164\$369 reis e para o matadouro 572\$200 reis.

—Durante a ultima semana houve o seguinte movimento:

6 bois, —3 vacas, —3 vitelas, —10 carneiros, tudo no total de vinte duas cabeças, que pesavam 2:065 quilos, rendendo de imposto: para a Fazenda 23\$479 reis, para a Camara 49\$940 reis e para o matadouro 9\$400 reis.

Placard

Na ultima segunda feira afixamos nesta vila um placard, cerca do meio dia, noticiando o assalto feito na vespera á tarde aos jornais realistas de Lisboa.

O caso produziu sensação entre os barcelenses, sendo comentado por muito diversas formas.

Alferes Vila-Chã Leite

Na ultima segunda feira foi julgado pelo conselho de guerra da grande circunscrição militar do norte, por virtude dos acontecimentos ocorridos em julho do ano findo com uma força do seu comando, na romaria de S. Bento da Varzea, o nosso amigo e muito estimado alferes do 3.º batalhão de infantaria 3 snr. Francisco Vila-Chã Rodrigues Leite.

A sentença absolutoria proferida pelo conselho não constituiu uma surpresa para ninguem que conhecesse com verdade os fatos que foram motivo do processo.

O sr. alferes Leite regressou do Porto a esta vila no comboio expresso de terça-feira, sendo aguardado na estação por alguns seus amigos, que lhe fiseram uma calorosa manifestação de simpatia, entre os quais indicamos os snrs. José Moreira da Costa, João Pacheco Leite, Manoel Joaquim Moreira, Artur Roriz Pereira, Domingos Ferreira, José Antonio Dias Pereira, João José Martins, Domingos Ferreira Vale, Miguel Faria e João Vieira de Castro.

Ao nosso amigo sr. Francisco Leite as nossas felicitações pela justiça que lhe foi feita.

Mercado semanal

Os preços dos cereaes no nosso mercado, medida 17, 373, são os seguintes:

Milho branco	540
» amareló	520
» alvo	900
Trigo	940
Centeio	600
Feijão branco	800
» amareló	700
» vermelho	840
» rajado	600
» fradinho	900
» preto	800
» manteiga	840
» mistura	600
Paíço	800
Tremoços	480
Batatas, cada 15 quilos	460
Vinho, pipa de 539 litros a 28\$000 reis.	

ANTONIO AZEVEDO

Solicitador

Escritorio — Rua Infante D. Henrique

RESIDENCIA — BARCELINHOS

BARCELOS

ANUNCIOS

ARREMATACÃO

(1.ª publicação)

No dia 29 do corrente mez de janeiro, por 11 horas da manhã, no tribunal judicial d'esta comarca, em conformidade com o ordenado na execução hypothecaria que João Antonio de Macedo, da freguesia de Santa Maria de Gallegos, move contra David d'Azevedo Torres e mulher, da freguesia de São Martinho de Gallegos, e outro, serão arrematados os bens seguintes:

Campo da Gaia ou cortelho da Fonte, de lavradio, com arvores de vinho e agua de lima e rega, sito no logar da Fonte, freguesia de São Martinho de Gallegos, avaliado em 350:000 reis, mas que, com abatimento do fôro de 30,402 litros de meado que annualmente é obrigado a pagar a Antonio Augusto d'Almeida Azevedo, de Barcellos, e ainda do laudemio da da quarentena, entra em praça na quantia de 319.510 reis.

Bouça da Lagôa, do matto, allodial, sita no logar de Traz da Fonte, freguesia de Manhente, que entra em praça na quantia de 340:000 reis.

Pelo presente, são citados todos os credores incertos para assistirem á praça e deduzirem seus direitos.

Barcellos 4 de Janeiro de 1911.

Verifiquei.

O Juiz de Direito

Ariscado de Lacerda

O escrivão ajudante do 3.º officio

Manoel Pereira Esteves

EDITAL

A comissão Administrativa do Municipio de Barcelos torna publico pelo tempo de 30 dias, contado da segunda publicação deste no *Diario do Governo*, que se acha aberto concurso para um logar, vago, de zelador municipal, com o ordenado de 100\$000 reis annuaes.

Barcelos e Paços do Concelho, 20 de dezembro de 1910. — E eu João José de Abreu do Couto de Amorim Novaes, secretario, o subcrevi.

O Presidente

João Cardoso de Albuquerque.

MOBILIA

Vende-se uma excelente mobilia completa para sala de jantar, ainda em muito bom estado de conservação, pois tem pouquissimo uso.

Quem pretender compra-la pôde dirigir-se a esta redação, onde se informará.

FARMACIA MODERNA

DE

João Pacheco Leite

RUA D. ANTONIO BARROSO — BARCELOS

N'esta conhecida e bem montada farmacia onde se encontra sempre um esmeradissimo sortido de especialidades farmaceuticas, tanto nacionaes como estrangeiras, aguas mineraes de Melgaço e Vidago etc., ha á venda além de muitos outros artigos: Termometros, seringas dos mais reputados autores, esponjas, irrigadores e inhaladores.

Tambem se encontra n'este estabelecimento o — Ferro molmetilarsinico — excelente tonico muito util na anemia, clorose e sempre que o organismo necessita um reconstituente inergico.

— Purgina — pequenas pastilhas aromaticas, o purgante ideal, muito agradável, de grande vantagem por não exigir dieta alguma e sendo de efeitos seguros.

— Oleo Santiago — o puro oleo oleo de bacalhau, o mais bem aceite por todos os estomagos ainda os mais debeis.

— Oleo aromatico — unico remedio até hoje conhecido para impedir a queda do cabelo e fazer desapparecer a caspa.

Aviam-se, com todo o escrupulo, receitas a toda a hora do dia e da noite.

O Radical

ASSINATURA

A sua assignatura no paiz será feita por series de 10 numeros ao preço de 300 reis.

Para o Brazil e Africa será por series de 50 numeros, ao preço de 1\$500 reis, acrescendo o porte do correio e despeza de cobrança nas assignaturas para o Brazil.

ANUNCIOS

Linha 40 reis
Repetições 30 reis